

# A MÍSTICA TEOPOÉTICA DE CHIARA LUBICH<sup>1</sup>

*CHIARA LUBICH'S MYSTICAL THEOPOETIC*

**Doutoranda Jussara Rocha Kouryh<sup>2</sup>**

Universidade Católica de Pernambuco  
jussara.kouryh@gmail.com

**Prof<sup>a</sup> Dra. Sandra Helena Rios de Araújo<sup>3</sup>**

Universidade Católica de Pernambuco  
sandra\_22rios@hotmail.com

**RESUMO:** Existe um estreito vínculo entre a mística e a poesia. Tanto uma quanto outra é resultante de um colóquio com aquilo que habita o mais profundo do ser. Para o poeta, seu próprio eu; para o místico, o transcendente. Exatamente por ser assim, a poesia que nasce da mística traz, em suas linhas e entrelinhas, os resultantes recamos de luzes como cantos de amor ao Amor por excelência e, por conseguinte, destinados ao bem da humanidade, mesmo se retratam experiências singulares, quer sejam vivenciadas nas mais longínquas terras, nos recantos mais desérticos, trancafiadas dentro dos claustros, ou no coração das massas, lado a lado com os seus pares. Esses colóquios, transmutados em versos, têm o poder de extrapolar os delimitados espaços das religiões para penetrar no âmago do ser humano, independente de suas crenças ou descrenças. Assim, teologia e literatura se entrelaçam interdisciplinarmente, ambas alicerçadas em duas vertentes: a inspiração e a palavra, para seguirem em direção ao Belo e se encontrarem na teopoética que traça liames entre teologia e poesia, teologia e literatura, teologia e estética. É sobre isso que nos debruçaremos nesta comunicação: a mística teopoética inclusiva de Chiara Lubich escrita para todos, decorrente de seu pessoal e contínuo colóquio com o Transcendente – Deus.

**PALAVRAS-CHAVE:** Chiara Lubich, Teopoética, Mística, Teologia, Literatura.

**ABSTRACT:** There is a slight connection between mystical and poetry. Both are the result of a talking to what inhabits the deepest of human being. To the poet, his own self; to the mystic, the transcendent. Just for being in this way the poetry, that comes from mystical, brings in its lines and between the lines, adornments full of lights as loving songs to the perfect Love to be addressed for the good of humanity, even if they reflect peculiar experiences either whether in the most distant lands, in the most desert corners, locked inside the cloisters or in the hearts of the crowds, among their peers. These talks, transmuted into verses have the power to extrapolate the bounded spaces of religions

in order to penetrate the core of the human beings, without considering their beliefs or disbelieves. So, theology and literature are interdisciplinary entwined based on two aspects: the inspiration and the word that will move towards the Beauty and will become together in the theopoetic that makes bonds between theology and poetry, theology and literature, theology and aesthetics. That is what we want to demonstrate in this article: an inclusive mystical theopoetic by Chiara Lubich, written for everybody, resulting from her personal and continuous talking with the Transcendent – God.

**KEYWORDS:** Chiara Lubich, Theopoetic, Mystical, Theology, Literature.

## 1. APRESENTAÇÃO

No moinho da vida, a poesia sempre encontra guarida, até porque, “a linguagem humana é tomada pela musa que a faz viajar na imaginação e na criação para compor e expressar beleza sob forma de palavra” (BINGEMER, 2017, s.p.). Essa linguagem assume todas as formas e compõe a “arte verbal” (BINGEMER, 2015, p. 17). Eis a literatura. No seu bojo, os teóricos da poesia ou da poética, se esmeram em metodizar o que livremente se expressa, embora, em muitos casos, poetas e poetisas harmonizem suas inspirações às regras preestabelecidas por tantas teorias.

Os teóricos, como em outras áreas, buscam encontrar conceitos, fórmulas, estruturas, tais como rima, métrica, ritmo e assim por diante. Enquadram em número de versos e palavras: que venham então as sextilhas de nossos cordéis, os quartetos e tercetos que precisam os sonetos, a trova que, de tão curtinha, ajuda as crianças aprenderem a lidar com a poesia... e não parariamos mais porque nossos teóricos (ainda bem) não são estanques. Além disso, tentam perscrutar, estudar, analisar e classificar o conteúdo poético.

Também no moinho da vida, a teologia acompanha o ser humano desde sempre, se olharmos que ela, a teologia, é, também, a ciência que se desenvolve a partir da fé.

Teologia [...] pode ser ainda um tratado ou compêndio sobre as verdades da fé; [...]. É linguagem segunda, posterior a duas outras: a da revelação e a da fé. Sistematiza duas palavras a ela anteriores: a que Deus mesmo falou, rompendo seu silêncio eterno, e a que o ser humano fala, respondendo à Palavra de Deus, pronunciada no meio da história, rompendo o silêncio do tempo e do espaço. (BINGEMER, 2015, p. 15).

Como a fé é uma construção cultural, a ciência que a estuda leva em conta o contexto de seu nascedouro. Encontramos, portanto, uma teologia cristã católica que cuida de responder às inquietações de seus adeptos a partir da tradição judaico-cristã e dos postulados construídos ao longo dos séculos de acordo com suas tradições e com os ensinamentos de Cristo através da Igreja.

O mesmo acontece com a teologia, também cristã, que nasceu das inquietudes de Martinho Lutero e gerou o movimento protestante que, no percurso de quinhentos anos, viu nascer uma infinidade de denominações cristãs, cada uma delas buscando, em suas proposições, explicar a sua fé, ou seja, explicar a fé sob sua ótica, sempre atribuindo-a aos dons especiais espalhados pelo Espírito Santo.

Se olharmos a teologia assim, podemos falar de uma teologia budista, muçulmana, kardecista, afro-brasileira com seus “griôs”, juremeira, porque todas elas, em maior ou menor escala, estudam a fé a partir de seus entendimentos, de suas tradições, orais ou não, de seus ensinamentos.

A teopoética aparece como uma linguagem onde aquela “musa” mencionada por Bingemer encontra abrigo e inspiração na relação vertical do ser humano com aquilo que o transcende: escuta, compreende, acata a fala de Deus. E a poesia, livre ou enquadrada nos postulados teóricos, brota como hino de louvação, como convite à contemplação, como contação de uma experiência singular, como chamamento à mesma extraordinária experiência.

Encontramos a teopoesia que vem dos teólogos e das teólogas especificamente, ou seja, daquelas pessoas que se embrenham pelos estudos teológicos e, em seus textos, deixam aflorar a veia poética que lhes pertence; e aquela que vem dos místicos e místicas que, mergulhados e fiéis aos carismas que receberam como dom gratuito do Amor por excelência, transferem para seus textos aquilo que de mais bonito e profundo compreendem, mas, sobretudo, experienciam no cotidiano da vida. Tais experiências, profundas e singulares, via de regra, são vivenciadas na solidão, no distanciamento do mundo e de si mesmo, na busca incessante de encontrar o Absoluto que habita na alma e ali repousar o olhar, para novamente mirar o mundo sob outra perspectiva: a fé. Assim, consegue “compor e expressar beleza sob forma de palavra” (BINGEMER, 2017, s.p.). Mais que isso. Consegue traduzir o eterno Belo que carrega dentro de si.

A poesia que nasce da mística, pois, tem outro ritmo. Necessariamente, não está condicionada às formas e fórmulas ditadas pela teoria literária. Está embrionariamente ligada à experiência de vida. Segue o ritmo, a métrica, a formatação, se podemos assim dizer, que o carisma naturalmente impõe, nada mais.

## 2. A TEOPOÉTICA DE CHIARA LUBICH

Qual, então, o ritmo, a métrica, a formatação da teopoesia de Chiara Lubich? Como ela conseguiu entrelaçar duas linguagens em uma única: “a que Deus mesmo falou [...] e a que o ser humano fala” (BINGEMER, 2015, p. 15)?

Garimpando seus escritos, meditações, temas que exprimem os doze pontos da espiritualidade que compõem a linha mestra de seu carisma (Deus Amor; a Vontade de Deus; a Palavra; o irmão; o amor recíproco; Jesus Eucaristia; a unidade; Jesus Abandonado; Maria; a Igreja; o Espírito Santo; e Jesus em meio), encontramos uma poesia linear que expressa as duas linguagens mencionadas: a fala de Deus e a fala do ser humano.

A primeira exprime a relação vertical que, saindo do absoluto TUDO impregna o absoluto NADA, como a repetir aquilo que disse João Batista sobre Jesus: “É necessário que ele cresça e que eu diminua.” (João 3,30). Em outras palavras: a coragem de ser nada, para que o carisma assumisse forma, ritmo, métrica e cumprisse aquilo que lhe é devido, missão que continua através de seus “herdeiros”. Portanto, do Alto ao chão e, deste chão, a elevação do nada ao TUDO, imerso completamente na Luz a ponto de ser possível dizer com a vida, “luz da Luz”<sup>4</sup>.

A segunda linguagem é horizontal, onde a simplicidade é a tônica por excelência. Chiara conseguiu traduzir a “fala de Deus” de tal forma que os mais letrados não se vêem diante de uma poesia infantilizada e infantilizante. Ao contrário, encontram nos textos lubichianos a profundidade característica de quem sabe ouvir, entender, interpretar e colocar em prática a “fala de Deus”. Naqueles escritos, naquela teopoesia, descobrem verdadeiros tratados teológicos, os quais renderam a Chiara, em 2004, o título de *Doutora Honoris Causa em Teologia da Vida Consagrada*, conferido pela Pontifícia Universidade Lateranense, em Roma.

É uma poesia que nasce de um carisma que busca a santidade coletiva, tal como as primeiras comunidades cristãs: “Ninguém considerava exclusivamente seu os bens que possuía, mas todos compartilhavam tudo entre si” (Atos, 4,32). A este respeito, Chiara Lubich afirma: “É necessário que nos santifiquemos como Igreja”. (LUBICH, 2003, p. 161). Portanto, uma poesia-Igreja em sua universalidade e horizontalidade, na qual ninguém é diferente de ninguém, ninguém está acima de ninguém.

Tu, eu, o leiteiro, o camponês, o porteiro,  
o pescador, o operário, o vendedor de jornais...  
E os demais, todos os demais,  
idealistas desiludidos,  
mães carregadas de pesos,  
noivos em vésperas de núpcias,  
velhinhas à espera da morte,  
jovens vibrantes, todos...  
Todos são matéria-prima  
para a sociedade de Deus.

(LUBICH, 1987, p. 83).

4 Credo Niceno-Constantinopolitano. Disponível em: <http://www.catolicoorante.com.br/oracao.php?id=16>. Acesso em: 02 out. 2019.

E por que linear? Porque, aprofundando-nos em seus escritos (e, portanto, também em sua teopoesia a partir da década de 1940, quando nasceu o Movimento dos Focolares, até o último ato oficial por ela assinado, que formalizou o Instituto Universitário Sophia (07 de dezembro de 2007)<sup>5</sup>, encontraremos a mesma Chiara, o mesmo Carisma, a mesma “inspiração” revestida de uma linguagem contemporânea, direta, capaz de ser compreendida por todas e por todos. Simbolicamente, durante o seu funeral, sobre seu esquife, apenas um pequeno evangelho e três cravos vermelhos a lembrar o dia de sua consagração, 07 de dezembro de 1943, quando, em sinal de íntima festa, ao sair da capela, comprou três cravos vermelhos para depositar aos pés do crucifixo, testemunho silencioso da noite de vigília que precedera o seu desposar Deus (GALLAGHER, 1998, p. 39). Eis o último poema, aquele que apenas a alma escreve porque a caneta já não se faz mais necessária. Pode existir poema maior e mais significativo?

A metáfora da caneta foi mencionada por Chiara quando, em setembro de 1977, no XIX Congresso Eucarístico Nacional, Pescara – Itália, apresentando a experiência do Movimento, assim se expressou:

A caneta não sabe o que deverá escrever, o pincel não sabe o que deverá pintar e o cinzel não sabe o que deverá esculpir. Quando Deus toma em suas mãos uma criatura para fazer surgir uma obra Sua na Igreja, a pessoa escolhida não sabe o que deverá fazer. É um instrumento<sup>6</sup>.

A busca da teopoesia em Chiara Lubich é insondável. É constitutiva de cada escrito seu, seja qual for a natureza: um tema, uma meditação, um comentário de uma frase do evangelho. Seja, também, para qualquer público: crianças, adultos, jovens, casados, consagrados, cristãos, não cristãos, crentes e descrentes. Ou, ainda, ocupantes das variadas esferas das pirâmides social e econômica, ou pertencentes a qualquer etnia.

Dentro dessa imensa seara, colocaremos em pauta uma página de seu primeiro livro, *Meditações*, publicado pela editora *Città Nuova* (Roma) em 1959 e sua primeira edição brasileira em 1963, pela Editora Cidade Nova (Vargem Grande Paulista – SP). Lubich começa apresentando a síntese de seu carisma naquelas duas linguagens que apresentamos:

Eis a grande atração  
dos tempos modernos:  
penetrar na mais alta contemplação  
e permanecer misturado com todos,  
homem ao lado do homem. (LUBICH, 1987, p. 9).

5 Disponível em: [https://www.focolare.org/wp-content/uploads/2011/01/ChiaraLubich\\_bioestesa\\_PT.pdf](https://www.focolare.org/wp-content/uploads/2011/01/ChiaraLubich_bioestesa_PT.pdf). Acesso em: 02 out. 2019.

6 Quem é Chiara Lubich. Disponível em: <http://www.focolares.org.br/chiaralubich/quem-e-chiara-lubich/>. Acesso em: 02 out. 2019.

Na “mais alta contemplação” para ouvir e compreender a “fala” de Deus em profundidade, tanto quanto for possível, ou melhor, tanto quanto a graça torne possível. Neste colocar-se ombro a ombro, traduzir, na fala humana, esta compreensão de Deus, para que as pessoas possam responder com sua própria e singular fala, porém coletivamente, como igreja na sua humana universalidade. O segredo, nos lembra Chiara Lubich, é estar no mundo sem ser do mundo – “Eles não são do mundo como eu não sou do mundo” (João 17,16). Estar no mundo para ser um “sinal de contradição” (Lucas 2,34) e fazer a Luz chegar até os confins. Continua Chiara:

Ainda mais: perder-se no meio da multidão  
Para impregná-la de divino  
Como se embebe  
Um pedaço de pão no vinho.

Assim, com sua peculiar delicadeza, Chiara indica a inserção como caminho. Podemos compreender tal inserção sob muitos aspectos: uma inserção social onde não seja mais possível a cristalização da estratificação econômica, que cria fossos entre ricos e pobres, revestindo os primeiros de uma áurea capaz de gerar o sentimento de posse e de poder, e empurrando os segundos para o sentimento de ningüedade, para a margem dos alagados, onde a escorregadia superfície de lama é o único chão para colocar os pés. Em ambos, o advento da ilusão (a ilusão de ser por meio do acúmulo de bens em contraponto à ilusão de ser por meio da ensandecida conquista do poder) que gera o esfacelamento da dignidade humana; uma inserção onde não seja mais possível a cristalização da estratificação intelectual, que faz o academicismo compreender-se como único detentor do saber, negando, assim, os saberes singulares e coletivos germinados da vivência cotidiana, da tradição, do saber popular e, ao mesmo tempo, buscando, neste saber, a inspiração para suas hipóteses e pesquisas.

Tal inserção poderíamos, também, colocá-la sob o prisma de “seres misturados” que somos. De acordo com Ivone Gebara, o que é óbvio – “seres misturados” – assume outra dimensão. Para ela, a cultura ocidental nos coloca diante do dualismo do bem e do mal. Somos essa dualidade.

Unir o que parece uma oposição excludente nos ajuda a perceber a complexidade da vida humana. Somos frágeis e fortes, boas e más, pequenas e grandes, mesquinhas e magnânimas. E essa constatação inclui a mulheres e homens na sua diversidade (GEBARA, 2017, p. 29).

Portanto, “perder-se na multidão”, misturar-se como “seres misturados”, condição que nos permite reconhecer todos como iguais nas suas singularidades, sem estratificações de nenhuma ordem, apenas como criaturas no universo da Criação.

Sob o prisma de Chiara, porém, o “perder-se” vai além dessas e de outras tantas “inserções” que podemos querer buscar e compreender. É uma inserção proativa que mira a completude dos desígnios de Deus criador sobre a obra criada. Tudo como a delicada entrega do pão ao mergulhar no vinho.

Ainda mais:  
feitos partícipes dos desígnios de Deus  
sobre a humanidade,  
traçar sobre a multidão recamos de luz  
e, ao mesmo tempo,  
partilhar com o próximo  
a injúria, a fome,  
os ultrajes e as alegrias fugazes.

Eis o reconhecimento do homem como cocriador: “partícipes dos desígnios de Deus”. Nessa ação de coparticipação, Chiara evidencia a inclusão do Outro, ou seja, toda a vivência mística da relação com o Absoluto adquire sentido, quando esparrama-se em direção àquele que está ao lado, ombro a ombro. E a partilha de “ultrajes” e de “alegrias” contempla a vida na sua totalidade.

Porque a atração do nosso tempo  
como de todos os tempos,  
é o que de mais humano  
e mais divino se possa pensar:  
Jesus e Maria:  
o Verbo de Deus, filho de um carpinteiro;  
a Sede da Sabedoria, mãe de família.  
(LUBICH, 1987, p. 9-10).

Eis, na simplicidade de sua teopoética, a síntese do Carisma da Unidade, dom de amor gratuito de Deus Pai para a humanidade através de Chiara Lubich. Não apenas. Eis a síntese, podemos dizer, da mística de Chiara Lubich: em sua peculiaridade, consegue penetrar no profundo mistério de Deus – o Verbo de Deus – e nos faz enxergar a humanidade inteira, representada por José e Maria. Mas essa humanidade completamente imersa no divino, ou seja, nesse mistério de Deus.

Não é apenas o carpinteiro, mas esse carpinteiro que, humanamente falando, assumiu, na Terra e para o contexto sociofamiliar da época, a paternidade do Filho de Deus. Implícita está, pois, também a grandiosidade da paternidade humana. Parece dizer, em sua poética, que cada pai é pai de um filho de Deus. Funde, portanto, as dimensões humana e divina numa única grandeza. Não é apenas a mãe de família, mas a “Sede da Sabedoria”. Novamente as duas dimensões. Nestas, a elevação da mãe de família à Sabedoria e o espraiamento da Sabedoria permeando o cotidiano da família. O ventre que gera a vida é o mesmo que carrega em si a Sabedoria.



A “atração dos tempos modernos” traz essas duas faces: o humano e o divino, traduz a harmonização entre o Criador e o criado, aquela harmonia pensada desde sempre. É o convite para que o criado retorne ao seio do Criador, redimensionando toda a criação, porém, coletivamente, “homem ao lado do homem”.

### 3. CONCLUSÃO

A impressão que temos é que tudo foi dito e, ao mesmo tempo, que não dissemos nada. A primeira, porque encontramos, nos “versos” da teopoética de Chiara Lubich, a ideia completa do carisma da unidade e profundamente coerente com o mesmo; a segunda impressão é consequente e, à primeira vista, incoerente, isto é, é uma poesia tão densa, tão rica, que seria necessário páginas e mais páginas para comentar um de seus “versos”. E o saboroso impasse está em pauta. Por isso, nos ancoramos naquilo que disse o papa João Paulo II, na Audiência Geral da quarta-feira, 12 de agosto de 1998:

Quando folheamos certas maravilhosas páginas de literatura e de filosofia, ou olhamos admirados para determinadas obras de arte, ou ouvimos sublimes trechos de música, é espontâneo reconhecer nestas manifestações do gênio humano um determinado reflexo luminoso do Espírito de Deus.<sup>7</sup>

Por fim, retomando as colocações de Maria Clara Bingemer, podemos apresentar Chiara Lubich como artista da “arte verbal”, da arte das letras. Mais que isso, uma artista que soube colocar em sua escrita aquilo que de eterno sua alma possuía, “o reflexo luminoso do Espírito de Deus”: o carisma da unidade.

### 4. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BINGEMER, Maria Clara. **Teologia e Literatura: Afinidades e segredos compartilhados**. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Editora PUC, 2015.

BINGEMER, Maria Clara. **Poesia, Teologia e Teopoética**. São Paulo: Dom Total, 28 mar. 2017. Disponível em: <https://domtotal.com/artigo/6582/28/03/poesia-teologia-e-teopoetica/>. Acesso em: 13 set. 2019.

GEBARA, Ivone. **Filosofia feminista: uma brevíssima introdução**. São Paulo: Terceira Via, 2017.

LUBICH, Chiara. **Meditações**. 10 ed. São Paulo: Cidade Nova, 1993.

LUBICH, Chiara. **Ideal e Luz: pensamento, espiritualidade, mundo unido**. São Paulo: Brasiliense; Vargem Grande Paulista (SP): Cidade Nova, 2003.

---

<sup>7</sup> Disponível em: [http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/1998/documents/hf\\_jp\\_ii\\_aud\\_12081998.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/1998/documents/hf_jp_ii_aud_12081998.html). Acesso em: 01 out. 2019.



# LEZIONE PER LA LAUREA *HONORIS CAUSA* IN PEDAGOGIA

*AULA MAGNA DO DOUTORADO  
HONORIS CAUSA EM PEDAGOGIA*

**Chiara Lubich**

**RIASSUNTO.** In questo discorso, pronunciato il 10 novembre 2000, presso la Basilica del Santuario Nazionale dell'Immacolata Concezione dell'Università Cattolica d'America, in occasione del conferimento del Dottorato Honoris Causa in Pedagogia, Chiara Lubich descrive la sua esperienza di vita cristiana iniziata, negli anni Quaranta a Trento, in Italia, tra i bombardamenti della seconda guerra mondiale. Lei attribuisce questo premio al contributo del Movimento dei Focolari all'educazione e alla formazione della persona umana nel mondo, considerando che la motivazione di questa performance è dovuta a Gesù, il vero maestro.

**PAROLE CHIAVE:** Discorso; Esperienza spirituale; Doctorate Honoris Causa; Pedagogia

**RESUMO:** Neste discurso, proferido em 10 de novembro de 2000, na Basilica of the National Shrine of the Immaculate Conception da Catholic University of America, por ocasião do recebimento do Doutorado *Honoris Causa em Pedagogia*, Chiara Lubich descreve sua experiência de vida cristã que teve início, na década de quarenta em Trento na Itália, em meio aos bombardeios da Segunda Guerra mundial. Ela atribui esse prêmio recebido à contribuição do Movimento dos Focolares na educação e formação da pessoa humana no mundo, considerando que a motivação para essa atuação se deve a Jesus, o verdadeiro mestre.

**PALAVRAS-CHAVE:** Discorso; Experiência espiritual; Doutorado Honoris Causa; Pedagogia

Eminenza card. Hickey,  
Presidente O'Connell,  
Arcivescovo Montalvo,

Eccellentissimi Vescovi e Personalità  
religiose, Membri del Consiglio  
d'amministrazione,

Illustri Professori e membri della Comunità  
Accademica, Signore e Signori, cari amici.

Un grazie di cuore a questa illustre Università per aver pensato di attribuire questo dottorato in Pedagogia alla mia persona ed in essa, al Movimento dei Focolari, che - penso - voglia significare un riconoscimento al contributo, che possiamo aver dato, alla formazione della persona umana e a quella della società nel campo dell'educazione.

Se, da una parte, questa laurea *honoris causa* mi meravaglia, dall'altra vorrei dire che non mi sorprende del tutto.

E ciò perché ogni tensione del nostro agire è religiosa e s'incentra sempre e anche, quindi, nello sforzo educativo, su Cristo che ha collegato il concetto di educatore addirittura a se stesso: "E non fatevi chiamare 'maestri', perché uno solo è il vostro maestro, il Cristo" (Mt 23,10).

Prima di passare a trattare dell'aspetto dell'educazione nel nostro Movimento, che è chiamato anche "Opera di Maria", penso sia necessario, almeno per chi non lo conosce, presentare almeno la spiritualità che lo anima e genera un nuovo stile di vita.

L'Opera di Maria è un Movimento ecclesiale. Le sue dimensioni (in 182 nazioni con milioni di membri) la dicono Opera di Dio. Così, infatti, la pensano Giovanni Paolo II e la Chiesa.

Lo scopo di questo Movimento è concorrere a realizzare il testamento di Gesù: "Che tutti siano uno" (Gv 17,21), fine che si raggiunge appunto attraverso questa che è una spiritualità personale e comunitaria insieme.

Le sue linee di svolgimento poggiano su dei cardini: parole o realtà evangeliche che si comprendono bene conoscendo come lo Spirito Santo le ha impresse nel nostro animo già nei primi mesi della nostra nuova vita.

Siamo in Italia negli anni '40. Infuria la seconda guerra mondiale.

Mentre compio un atto di carità, avverto che Dio mi chiama a donarmi per sempre a Lui. Lo farò il 7 dicembre 1943. Sarà considerato la data dell'inizio del Movimento.

Per vari motivi avvicino giovani della mia età che vogliono seguire la mia strada.

Il 13 maggio 1944 Trento, la mia città, subisce un terribile bombardamento, uno dei molti.

Con le mie nuove compagne un giorno cerco rifugio in una cantina buia, con la candela accesa e il Vangelo in mano. Lo apro. V'è la preghiera di Gesù prima di morire: "Padre... Che tutti siano una cosa sola" (Gv 17,21). Quelle parole ci mettono in cuore la convinzione che per tale pagina del Vangelo eravamo nate.

I bombardamenti continuano e con essi scompaiono quelle cose o persone che formavano un po' l'ideale dei nostri giovani cuori. Crollano le possibilità di farsi una famiglia perché il fidanzato non torna dal fronte, di proseguire gli studi, di poter avere una casa e così via.

La lezione che Dio ci offre con le circostanze è chiara: "Tutto è vanità delle vanità" (Qoelet 1,2). Tutto passa.

E io avverto in cuore una domanda: "Ci sarà uno scopo, un ideale per cui spendere la vita, che nessuna bomba può far crollare?"

E subito la risposta: "Sì, c'è: è Dio".

Decido con le mie compagne di far di Dio il perché della nostra esistenza.

Ma chi era Dio?

All'apparire del suo nome nel cielo della nostra anima, come per una folgorazione, abbiamo capito o meglio ri-capito che Dio è Amore. E da quel momento ci siamo sentite avvolte dal suo amore.

Anche prima sapevamo che Dio esisteva, ma era pensato da noi piuttosto lontano, al di là delle stelle, inaccessibile.

Ora tutto era cambiato. Come se gli occhi si fossero aperti per vedere che Dio, perché Amore, era vicino a noi, ci seguiva in ogni nostro passo, si nascondeva sotto tutte le circostanze della vita liete o tristi, sapeva tutto di noi.

E "Dio Amore" è divenuto il primo cardine della nostra spiritualità.

Ma, se Dio è Amore – pensavamo -, quale il nostro atteggiamento nei suoi confronti?

La vita di Gesù è stata per noi di luce: Egli ha amato il Padre facendo la sua volontà. Così noi.

La volontà di Dio è il secondo cardine della nostra spiritualità.

Le bombe cadevano giorno e notte costringendoci a raggiungere, anche undici volte al giorno, il rifugio e non potevamo portare con noi null'altro che un piccolo libro: il Vangelo.

In esso - eravamo certe - avremmo trovato le richieste di Gesù, la sua volontà.

L'aprivamo e quelle parole s'illuminavano tutte. Le capivamo come per la prima volta ed una forza, bg che pensiamo dello Spirito, ci spingeva a metterle in pratica.

Si leggeva: "Ama il prossimo tuo come te stesso" (Mt 19,19). Il prossimo. Dove era il prossimo?

Era in tutte quelle persone colpite dalla guerra che avevano fame, sete, erano ferite, senza vestito, senza casa. E ci dedicavamo subito a loro.

Il Vangelo assicurava: “Chiedete e vi sarà dato” (*Mt 7,7; Lc 11,9*).

Si chiedeva per i poveri e si era ogni volta riempiti di ogni ben di Dio che si portava a chi ne aveva bisogno.

“Date e vi sarà dato” (*Lc 6,38*), abbiamo letto ancora. Davamo. Vi era un giorno qualche mela in casa? La davamo al povero che chiedeva. Ed ecco in mattinata arrivarne un sacchetto. Davamo pure quelle e in serata ne arrivava una valigia.

Gesù aveva promesso ed ora manteneva. Il Vangelo, dunque, era vero.

Questa constatazione metteva le ali al nostro cammino appena intrapreso. Si comunicava agli altri ciò che accadeva ed essi, incontrandoci, avvertivano di imbattersi in Gesù vivo.

La Parola di Dio è il terzo punto della nostra spiritualità.

Tutte le Parole di Gesù ci hanno colpito. Ben presto però lo Spirito Santo ci andò sottolineando in particolare quelle che riguardano proprio l'amore, l'amore evangelico.

E l'amore è stato un ulteriore cardine della nostra spiritualità: il quarto.

Essendo esposte sempre alla morte, “vi sarà - ci siamo domandate un giorno - una sua volontà a cui Egli tiene particolarmente? Vorremmo vivere proprio quella prima di morire.”

Nel Vangelo c'era un comando che Gesù aveva detto “mio” e “nuovo”. Quello che ci voleva: “Questo è il mio comandamento: che vi amiate gli uni gli altri come io vi ho amato. Nessuno ha un amore più grande di questo: dare la vita per i propri amici” (*Gv 15,12-13*).

Volevamo viverlo e lo abbiamo espresso in un patto. Ci siamo dette vicendevolmente: “Io sono pronta a morire per te. Io per te. Tutte per ciascuna.”

E da quel momento la nostra vita è cambiata.

Cos'era successo? Con quell'atto avevamo messo in moto la carità. E l'amore ci aveva unito come Gesù aveva desiderato quando aveva detto: “Dove due o tre sono riuniti nel mio nome (nel mio amore) io sono in mezzo a loro” (*Mt 18,20*). Egli si era dunque posto in mezzo a noi. E quanto di nuovo, di bello, avvertivamo nel nostro cuore, era effetto della sua presenza.

Amore reciproco e Gesù in mezzo a noi: quinto e sesto punto della nostra spiritualità.

Non sempre naturalmente riuscivamo a vivere così. Alle volte difetti anche piccoli offuscavano lo splendore di quella unità.

Il Vangelo però ci poteva insegnare ad affrontare anche questi momenti.

In una circostanza eravamo venute a sapere che Gesù aveva sofferto il massimo dei suoi dolori quando in croce, sperimentando persino l'abbandono del Padre, aveva gridato: "Dio mio, Dio mio, perché mi hai abbandonato?" (Mt 27,46).

Siamo state toccate da questo fatto e ci siamo decise di seguire nella nostra vita Gesù proprio così.

Da allora, abbiamo scoperto, dappertutto, il suo volto e Lo abbiamo amato: nei dolori personali, nelle persone sole, abbandonate, sofferenti, nelle divisioni del mondo.

Gesù crocifisso e abbandonato è il settimo aspetto della nostra spiritualità.

Ma Gesù non aveva, forse, detto: "Da questo tutti sapranno che siete miei discepoli, se avrete amore gli uni per gli altri" (Gv 13,35)? E "che siano uno... affinché il mondo creda" (Gv 17,21)?

Ecco che chi ci stava attorno ravvivava la sua fede e ri-credeva o credeva per la prima volta in Gesù.

Con l'amore reciproco, poi, che generava Gesù fra noi, eravamo pronte ad attuare l'unità invocata da Gesù: "Che siano uno come io e te" (cf Gv 17,21).

L'unità è l'ottavo punto della nostra spiritualità.

Questa un po' la nostra Opera. Ho cercato di mostrarla – come ho detto - dal punto di vista spirituale.

Ma il nostro Movimento può essere visto anche sotto l'aspetto teologico, filosofico, culturale, sociale, economico ed educativo, così come ecumenico o interreligioso.

Cercherò ora di esporre alcune delle conseguenze pedagogiche dei più significativi punti di questa spiritualità.

Infatti, il nostro Movimento e la nostra storia possono essere visti come un grande, straordinario evento educativo. Vi sono presenti tutti i fattori dell'educazione ed è pure evidente la presenza di una teoria dell'educazione, di una ben delineata pedagogia che fonda il nostro agire educativo.

Ma - chiediamoci subito - che cos'è l'educazione?

Essa può definirsi come l'itinerario che il soggetto educando (individuo o comunità) compie, con l'aiuto dell'educatore (degli educatori), verso un dover essere, un fine che si ritiene valido per l'uomo e per l'umanità.

E quali sono gli elementi caratteristici della nostra pedagogia legati, come ho detto, ai cardini principali della spiritualità che viviamo?

Se teniamo presente il primo punto: la rivelazione – passi la parola - di Dio come Amore, possiamo costatare come nella nostra storia, fin dai suoi inizi, è stato presente un unico *educatore*, l'Educatore per eccellenza, appunto Lui: Dio Amore, Dio Padre. E' Lui che ha preso l'iniziativa nei nostri riguardi, che ci ha accompagnati, ci ha rinnovati, rigenerati - *con l'intenzionalità* che guida il vero educatore - lungo un ricchissimo itinerario di formazione personale e comunitaria.

E' Lui che ha fatto recuperare a noi ed a molti il senso della più Grande Paternità: una scoperta di portata enorme se pensiamo che una certa cultura tenta di affermare - sul piano teorico e su quello pratico - che “Dio è morto”. Eclissi del Padre che ha favorito anche un'eclissi di padre, una perdita di autorevolezza sul piano dei rapporti umani ed educativi, un relativismo morale, un'assenza di regole nella vita individuale, nelle relazioni interpersonali e sociali (spesso con conseguenze gravi come forme di violenza, ecc.; ... quasi a dar ragione a Dostojevskij quando afferma “uccidere Dio è il più orrendo suicidio” ... e “Se Dio non c'è , allora tutto è permesso”).

Noi abbiamo avuto la grazia di conoscere Dio. Egli, che è Amore, non è certamente un giudice lontano, un nemico geloso che annienti con la sua potenza l'uomo o che non se ne curi. Al contrario, è un educatore che riconosce l'uomo nella sua identità unica e irripetibile, che esalta l'uomo. Egli ama l'uomo e per questo è anche esigente: da vero educatore chiede ed educa alla responsabilità, all'impegno. Dio è Amore, e per questo ci ha liberati dalla schiavitù più grande, riaprendoci le porte di Casa sua, e sappiamo qual è il prezzo che suo Figlio ha pagato per questo riscatto. Nessun educatore ha mai considerato tanto l'uomo, quanto un Dio che è morto per lui. Dio Amore ha innalzato l'uomo, ogni uomo, alla dignità altissima di figlio ed erede. Ogni uomo!

Ed era proprio sulla costatazione che tutti siamo figli dello stesso Padre che si fondava l'idea-forte di Comenius<sup>1</sup>, grande rappresentante della pedagogia moderna: bisogna “insegnare tutto a tutti”.

Ed ora un altro cardine della nostra spiritualità: la Parola di Dio.

“Insegnare tutto a tutti”, si è detto, ma per questo è necessario usare - lo diceva Comenius stesso - la regola pedagogica della gradualità. Quella gradualità, a pensarci bene, che proprio il Padre sembra averci suggerito quando, fin dai primissimi giorni, ci ha spinti a vivere la sua Parola scegliendo del Vangelo una frase alla volta, da mettere in pratica per un mese, nella vita di ogni giorno.

---

<sup>1</sup> Nato in Moravia (Cechia), vissuto dal 1592 al 1670, ha tentato, oltre la prima radicale riforma pratica, la prima sistemazione organica della pedagogia come scienza.

Ma questo ci ha dato subito “Tutto”, perché in ogni Parola è presente tutto Gesù (e nella Parola vissuta è Lui che vive in noi); nello stesso tempo, come bambini nutriti dalla sua Parola, ci siamo sempre più rivestiti di essa, crescendo così come adulti nella fede e nella vita.

E con questa semplicissima tecnica pedagogica della gradualità e della pienezza, la luce del nostro Ideale si è diffusa e continua a diffondersi ben al di là di noi, come esperienza spirituale ed educativa forte e in continua espansione.

L’unicità della Parola di Dio poi è che essa è *Parola di Vita*, che si fa esperienza, in un mondo, anche pedagogico, spesso macchiato di *verbalismo*.

E abbiamo sperimentato la forza educativa, alternativa e contestativa, di questa Parola sempre viva e sempre nuova. A poco a poco, impressa nella nostra vita, essa le ha conferito - compito immane, proprio dell’educazione - *un’unità esistenziale*, favorendo il superamento della frammentazione-frantumazione che l’uomo prova spesso nella sua relazione con se stesso, con l’altro, con la società, con Dio, facendo emergere, nel contempo, l’unicità, l’originalità, l’irripetibilità di ciascuno.

Ed è per questa *unità esistenziale* tra Parola e Vita, tra dire e fare, che la nostra esperienza è per molti credibile e convincente, provoca profondi cambiamenti nell’esistenza personale, mette perciò in atto in tante persone un vero processo educativo.

La volontà di Dio altro punto.

La fedeltà alla Parola di Dio ci ha anche abituati a “perdere la nostra cattiva volontà”, quella che ancora ci lega alle anguste modalità esistenziali dell’Io autocentrato, e a seguire la volontà di Dio, che ci porta al continuo autotrascendimento, ad un oltrepassamento verso il Tu che ci arricchisce e ci fa liberi.

Di norma nell’educazione morale della persona, dalla necessaria fase iniziale di dipendenza (*moralità eteronoma*) si passa gradualmente alla *moralità autonoma* (che dovrebbe contraddistinguere il soggetto adulto e maturo); anche nella nostra esperienza avvertiamo il passaggio educativo dall’iniziale adesione ad una volontà altrà, alla sua Legge (che si manifesta in tanti modi) - alla quale ci aggrappiamo come un *bambino* che si affida totalmente alla guida dell’adulto -, alla forte percezione di libertà per l’interiorizzazione della Legge stessa, quando sentiamo che essa è diventata la *nostra* legge, quando essa è così impressa in noi da farci sentire *adulti* proprio perché in grado di dire: “Non sono più io che vivo, è Cristo che vive in me” (*Gal 2,20*).

E ancora: Gesù che grida: “Dio mio, Dio mio, perché mi hai abbandonato?” (*Mt 27,46; Mc 15,34*).



Gesù abbandonato è il nostro segreto, la nostra idea-chiave, anche per l'educazione. Ci indica il limite senza limiti della nostra azione pedagogica; fino a quale punto e con quale intensità essa debba muoversi.

Chi è Gesù abbandonato, per il quale abbiamo deciso di avere un "amore di preferenza"? Egli è figura dell'ignorante (la sua è l'ignoranza più tragica, la domanda più drammatica), del disagiato, del disadattato, dell'handicappato, del non-amato, del trascurato, dell'emarginato, di tutte quelle realtà-esperienze umane e sociali per le quali c'è - più che in ogni altra - un urgente e speciale bisogno di educazione. Gesù abbandonato è il paradigma di chi, carente di tutto, ha bisogno di qualcuno che gli dia tutto e per lui faccia tutto. Perciò è anche l'idea-limite, il parametro dell'educando, che postula la responsabilità dell'educatore. Egli ci indica perciò il limite senza limiti di tale bisogno e, nel contempo, il limite senza limiti della nostra responsabilità nell'aiuto e nell'educazione.

Gesù abbandonato però, che ha superato il suo infinito dolore aggiungendo: "Nelle tue mani, Padre, raccomando il mio spirito" (Lc 23,46), ci insegna pure a vedere la difficoltà, l'ostacolo, la prova, l'impegno, l'errore, il fallimento, il dolore, come qualcosa da affrontare, da amare, da superare. Generalmente noi uomini, in qualsiasi campo di attività, tentiamo con ogni mezzo di evitare tali esperienze. Anche in campo educativo - in tanti modi - con forme di iperprotettività, si tende a preservare i minori da qualsiasi difficoltà, abituandoli a vedere la vita come una strada in discesa, facile, comoda. In realtà, li si lascia in forte disagio di fronte alle inevitabili prove della vita e, in particolare, li si rende passivi e renitenti rispetto alle responsabilità che ogni essere umano deve assumersi di fronte a se stesso, al prossimo, alla società.

Per noi, invece, proprio per la scelta di Gesù abbandonato, ogni difficoltà va amata e affrontata. *L'educazione al difficile*, come impegno che coinvolge sia l'educando che l'educatore, è perciò un altro punto cardine della nostra pedagogia.

Ci sono poi altri due punti che voglio prendere in considerazione: l'unità e Gesù in mezzo a noi.

Qui potremmo chiederci: qual è la finalità di questo processo educativo?

La nostra è la stessa finalità di Gesù che potremmo definire: la sua finalità educativa: "Che tutti siano uno": l'unità, quindi, profonda e sentita con Dio e fra gli uomini.

L'unità è un'aspirazione attualissima. Nonostante le innumerevoli tensioni del mondo contemporaneo, il nostro pianeta, quasi paradossalmente, tende all'unità: l'unità è un segno e un bisogno dei tempi.

Tuttavia questa intima spinta - come nell'*e-ducere* (tirare fuori) dell'educazione - va fatta emergere positivamente: è perciò implicata, su tutti i piani dell'agire umano,

un'azione educativa coerente con le esigenze dell'unità, per fare del nostro mondo non una Babele senz'anima ma un'esperienza di Emmaus, di Dio con noi capace di abbracciare l'umanità intera. Sembra un progetto utopico, ma ogni pedagogia autentica è portatrice di una tensione utopica, da intendere come idea regolativa a costituire tra noi quel paese che ancora non c'è, ma dovrebbe esserci; l'educazione, in tale prospettiva, è vista come mezzo per avvicinarsi al fine utopico.

Nella nostra pedagogia, per la quale il piano spirituale e quello umano si compenetrano e si unificano (per l'incarnazione), l'Utopia non è né sogno, né illusione, né mèta inavvicinabile: essa è tra noi, e ne avvertiamo i frutti, quando attualizziamo il "Dove sono due o tre uniti nel mio nome, lo sono in mezzo a loro" (cf *Mt* 18,20): questo fa sì che la finalità, la mèta più alta, sia realtà.

Qui sperimentiamo la pienezza della vita di Dio che Gesù ci ha donato, una relazione trinitaria, la Socialità più autentica, dove si attua una sintesi meravigliosa tra l'istanza pedagogica dell'educazione dell'individuo e l'istanza pedagogica della costruzione della comunità. Crediamo che nella nostra esperienza di spiritualità comunitaria trinitaria si realizzino pienamente le idee sostenute da quanti, grandi nella storia della pedagogia, pur partendo spesso da premesse diverse, hanno insistito sull'importanza dell'educazione nella costruzione della società fondata su rapporti autenticamente democratici. Pensiamo, solo per fare un nome, al grande contributo a tutto il mondo pedagogico offerto a partire dagli Stati Uniti, da John Dewey. Troviamo molte consonanze anche con la recente "pedagogia di comunità" in cui viene proclamata la necessità di coniugare la *promozione* dell'individuo e la *promozione della comunità*.

Naturalmente la nostra esperienza di vita comunitaria si fonda sull'invito di Gesù: "Amatevi come lo vi ho amati... Siate una sola cosa": motivazione questa che è di natura religiosa, ma sono straordinari gli effetti sul piano educativo. La finalità da sempre assegnata all'educazione (*formare l'uomo*, la sua autonomia) si esplica, quasi paradossalmente, nel *formare l'uomo-relazione*, che per noi è *l'uomo icona della Trinità*, capace di autotrascendimento continuo nella realtà di Gesù in mezzo a noi. E' attraverso questa prassi spirituale ed educativa *dell'amore reciproco*, del consumarci in uno - prassi che viene seguita da tutti i membri del Movimento, chiamati tutti a vivere l'esperienza comunitaria in piccoli gruppi - che noi operiamo per *quella finalità delle finalità*, espressa dalla preghiera-testamento di Gesù: "Che tutti siano uno": l'Utopia- Realtà per la quale, come strumenti guidati da Lui, intendiamo spendere la nostra vita.

Ed è attraverso una seria educazione che possiamo diventare, come individui e come comunità, capaci di collaborazione, di dialogo, di incontro con altre persone, con

altri Movimenti, ecc. E' attraverso una seria educazione, infine, che - con la grazia di Dio - possiamo puntare alla santità personale e comunitaria.

Maria è l'esempio del vivere in modo eccelso i punti pedagogici al quali ho fatto riferimento.

Naturalmente Gesù, che ha saputo compiere questo itinerario pedagogico, questo *andirivieni* tra l'abbandono e la Trinità, e che, nella sua esperienza terrena, ha vissuto con intensità eccelsa la relazione interpersonale con gli altri, praticando l'empatia, l'accettazione, la speranza, la lotta educativa, la vita di unità col Padre e "con i suoi": Lui è il testimone più autentico e più esigente di cosa significhi essere educatori.

Cari amici, spero che questi accenni siano stati sufficienti a spiegare l'esperienza pedagogica che emerge dal nostro Movimento e possano farvi intuire quanto sia contenta e mi senta onorata al ricevere questa laurea in pedagogia.

Grazie del loro ascolto. Che Gesù Maestro formi in tutti noi dei veri e validi educatori.

***Chiara Lubich***